



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

XARURA: Saudação Mbya Guarani

Irineu Ortega Mariano

**FLORIANÓPOLIS - SC
2020**

Irineu Ortega Mariano

XARURA: Saudação Mbya Guarani

Memorial apresentado para obtenção de grau do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Artes e Linguagens, sob orientação da Profa. Dra. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto.

FLORIANÓPOLIS - SC
2020

Irineu Ortega Mariano

XARURA: Saudação Mbya Guarani

Este Memorial Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

Prof. Dra. Evelyn Martina S. Zea
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Me. Cristiano Mariotto
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Esp. Ítalo Rodrigo Momgconãnn Reis
Universidade Federal de Santa Catarina

Me. Orivaldo Nunes Júnior
Avaliador
Universidade do Estado de Santa Catarina



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 13 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e vinte, às 10:30 horas, na Sala 323 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela professora e Orientadora Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto e Presidente, pelo Professor Cristiano Mariotto, Membro da Banca, Professor Esp. Ítalo Rodrigo Momgconãnn Reis, Membro da Banca e Professor, Orivaldo Nunes, Membro da Banca, designados pela Portaria nº03/2020/HST/CFH, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Irineu Ortega Mariano subordinado ao título: “XARURA: Saudação Mbya Guarani.” Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Cristiano Mariotto, a nota final 10, do Professor Ítalo Rodrigo Momgconãnn Reis, a nota final 10, do Professor Orivaldo Nunes, a nota final 10 e da Professora Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, a nota final 10; sendo aprovado com a nota final 10. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital (PDF/A e Word) à Secretaria do curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, até o dia 02 de março de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 13 de fevereiro de 2020.

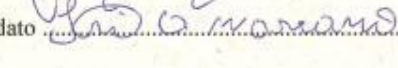
Banca Examinadora:

Prof. 

Prof. 

Prof. 

Prof. 

Candidato 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-4879

Atesto que o acadêmico **Irineu Ortega Mariano**, matrícula n.º 16105930, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “**XARURA: Saudação Mbya Guarani**”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2020.

Handwritten signature of Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto in blue ink, underlined.

Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto

Orientadora

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

MARIANO, Irineu Ortega
XARURA: Saudação Mbya Guarani / Irineu Ortega MARIANO ;
orientador, Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto, 2020.
15 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica. 2. Xarura, Saudação, Despertar, Ancestralidade.
I. Figueiredo Peixoto, Kércia Priscilla. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Licenciatura Intercultural
Indígena do Sul da Mata Atlântica. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Nhanderu Ete (Deus), pois sem ele nada disso teria sido possível. Xeru kuery, xery keykuery, xeretãã kuyery. Meus pais, dona Tereza Ortega e Marcilio Mariano, por sempre incentivar meus estudos, mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar. Xera'y'i kuery, Kerexu'i (Mabelly Benites Mariano), Karai'i (Kaué Benites Mariano) e Karai'i (Yuri Benites Mariano), que por eles me aventurei nessa jornada. Ao meu irmão Karai Tataendy que nós o chamamos de karai'i (Jose Benites), que também é cacique da nossa Aldeia Mymba Roka. Agradeço também aos demais irmãos: Para'i (Juraci Ortega Mariano), Wera'i (Jorge Ortega Mariano), Wera'i Claudio (Claudio Ortega Mariano), Wera'i Marcelo (Marcelo Mariano), Jaxuka'i (Márcia Mariano), Karai'i (Marcio Mariano), pelos exemplos dados de esforço e dedicação ao longo desse percurso, que foi muito importante para que eu não desistisse frente aos desafios.

Gostaria de agradecer também aos professores que passaram pelo curso, que não mediram esforços para nos guiar e nos ensinar, deixando muitas vezes seus finais de semana, suas férias de lado para estarem ali, trocando e nos ensinando.

Agradeço os demais colegas/parentes Kaingang e Xokleng/Laklãõ, que durante esses quatro anos nos tornamos uma família, mesmo que às vezes alguns desentendimentos nos intrigavam, mas juntos, nos fortalecemos e nos tornamos resistentes, e também, entramos para a estatística de indígenas com ensino superior. Obrigado por trocar e apreender com vocês!

Assim, agradeço também aos estagiários que nos serviram vários cafés, que riram conosco e sempre nos apoiaram, e claro, a secretaria do curso que fez de tudo para que sempre tivéssemos o mínimo, mas tenho certeza que esse tão pouco fez toda a diferença.

Por fim, todos os agradecimentos à minha orientadora, professora Kércia, que pegou minha mão e juntos fizemos esse trabalho nascer, crescer e com certeza, multiplicar. Muitíssimo obrigado!

E também, todos os que, de forma direta e indireta, contribuíram para que eu chegasse até aqui, concluindo essa graduação. Agora posso levar esse conhecimento e ensino para minha aldeia, para meu povo e para as crianças.

RESUMO:

Este memorial mostrará sobre o processo de realização do curta “XARURA: Saudação Mbya Guarani” e a importância de nossas práticas tradicionais. Tais práticas passamos para as nossas crianças e jovens. Eles são parte de nossa luta do presente, do passado e do futuro. Por isso, esse trabalho é dedicado para meus ancestrais e para os anciões. Através do audiovisual trago um pouco do nosso cotidiano na aldeia: de como é a nossa saudação ao levantar. Para nós essa prática é muito importante e está relacionada com o modo de mostrarmos o respeito e o amor ao próximo. Também através do despertar fortalecemos o trabalho que fazemos em conjunto, como a limpeza da aldeia e a construção de nosso maior bem, a nossa Opy’i.

Palavras-chave: Xarura; Despertar; Ancestralidade; Ritual.

ABSTRACT

Kova’e mba’eapo ma ajapo pave’in mbya kuery oexa xe va’e oexa haguã, mbya he’y tein oexa haguã. Aexauka heta vaipa he’yn tein mba’eixa pa tuja kueve ymãverã ovya re há’e opytu’ua’i re oxarura’i raka’e, há’egui amongue joexa ramo ju vy há’erami aevi oxarura’i. Ymave ovya re há’gui joexa ramo vy oxarura’i meme ae raka’e, há’vy py oexauka nhomboaxya há’gui nhamandu ombojeroaviaa rupi avi, Kova’e mba’eapo ma jaikuaa pota ve’i haguã nhandereko re, mba’eixa pa nhandereko nanhamokanhyin haguã, mba’eixa vy pa nhandeayua nanhamokanhyin haguã, Opamba’e ma jepe ayngui haxy pa, pave’in tataypy rupa rupi tein.

Roexauka avi opy’i re pave’i rinha’ã’i rokuaoya, opy’i romopu’ã’ihguaã.

Ficha técnica do filme:

Sinopse: O vídeo trata de um dia na aldeia na aldeia Mbya Guarani e a saudação tradicional Mbya guarani por crianças. Trabalhos na aldeia, construção, crianças ouvindo conselhos dos mais velhos, vivendo em meio a natureza.

Título: XARURA, SAUDAÇÃO MBYA GUARANI. Ano 2020, brasileiro, direção: Irineu Ortega Mariano.

Acesso ao filme:

<https://www.youtube.com/watch?v=NWvuROdtjM0&feature=youtu.be>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I - LEMBRANÇA DE INFÂNCIA	12
PARTE II - A PRÁTICA DO XARURA NA ALDEIA MYMBA ROKA	15
PARTE III - PLANEJAMENTO DO PROJETO	17
PARTE IV - A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO	18
PARTE V – AS FILMAGENS	19
PARTE VI – PROCESSO DE EDIÇÃO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

Agyjevete paven'in, xee ma xerery xunu mirim mbya py ha'egui jurua py ma Irineu Ortega Mariano, nasci em 1990, na aldeia Chapecó, no interior do Estado de Santa Catarina. Sou o filho do meio de uma família com oito irmãos. Atualmente moro na aldeia Mymba Roka, que fica no interior do município de Biguaçu, Santa Catarina, a T.I tem uma área de 509 hectares, noventa por cento da área é de mata, dez por cento uma área aberta, hoje vivem aproximadamente 120 pessoas, 22 famílias.

O presente texto trata do memorial do vídeo “XARURA: saudação Guarani Mbya”, produzido como trabalho de conclusão do curso – TCC - em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, da Universidade Federal de Santa Catarina. O vídeo traz o ritual do Xarura, uma prática cultural relacionada ao despertar, que vem sendo resgatada na aldeia Mymba Roka, município de Biguaçu, Santa Catarina. Importante destacar que as palavras em guarani recitadas no Xarura estarão presentes apenas no vídeo.

A partir da minha atuação como professor da escola indígena Ka'akupe desenvolvi, junto com o professor Whera Poty, um projeto que incluía no planejamento escolar a volta dessa prática. Um primeiro vídeo sobre essa temática foi produzido quando participava da Ação Saberes Indígenas na Escola – ASIE¹. A produção desse vídeo me estimulou a seguir minha pesquisa sobre esse tema.

A partir dos projetos de estágio docência requeridos na Licenciatura, pude desenvolver novos planejamentos de aulas, que se tornaram momentos de interação e prática do Xarura, que acabaram envolvendo toda a comunidade. As aulas geralmente começavam às 06:00hs da manhã, com o despertar de Nhamandu. A princípio, todos os alunos se reuniam na casa tradicional. Os irmãos menores logo quiseram acompanhá-los e com o passar dos dias, outras pessoas da comunidade foram se juntando a nós, e logo, todos estavam reunidos ao redor do fogo, comendo kavure, mbojape, rora e praticando o Xarura.

Muitos desses momentos registrei em forma vídeo. Ter um celular com uma câmera de boa definição, viabilizou muitas dessas filmagens. Foi então que optei por apresentar meus relatórios de estágio e TCC nesse formato, audiovisual. Isso fortaleceu a ideia que tinha de produzir um vídeo como trabalho final do curso. No entanto, esses

¹ Saiba mais em: <https://saberesindigenas.ufsc.br>

vídeos registravam somente a parte da manhã, quando era desenvolvido o estágio. Como o Xarura é também uma prática relacionada ao despertar, mas a partir dela todo o dia se organiza, senti vontade de filmar um dia inteiro: desde a prática da primeira prece do dia até a última realizada no final de cada dia. Assim, me organizei para produzir e realizar o vídeo apresentado como trabalho final.

Esse relatório está dividido por partes, de forma que na parte um eu apresente a minha própria história de vida relacionada a prática do Xarura. Conto a minha história desde a minha infância quando vivi um tempo com meus avós e assim, conheci e passei a praticar o despertar. Na parte dois, falo sobre minhas motivações para pesquisar o Xarura. Na parte três trago o planejamento do projeto do vídeo. A quarta, quinta e sexta partes, apresento questões técnicas como o processo de roteiro, filmagem, edição, equipamentos e sobre a linguagem e estética que pensei para compor esse trabalho, e por fim, trago as considerações finais.

Desse modo, espero que o vídeo acompanhado por este memorial, possa estimular na valorização e resgate dessa prática cultural, não somente na aldeia qual vivo, mas também em outras aldeias Guarani, instigando-os a resgatar seus rituais. Assim, estou certo de que muitas comunidades vão se reconhecer nas atividades cotidianas que registrei.



Imagem 1: Os pássaros acordam junto com Nhamandu. **Fonte:** Arquivo pessoal. Agosto, 2018

PARTE I – LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

A memória que eu tenho da minha infância é de viver com minha família na aldeia de Chapecó, até meus quatro anos. Porém, por uma questão de falta de recursos e também por conta do desmatamento, que estava acontecendo naquela época, meus pais optaram por sair da aldeia conosco para trabalhar. É importante destacar que não tínhamos muita opção, não queríamos sair da aldeia, mas se tornou uma necessidade.

Dos meus quatro a mais ou menos meus oito anos de idade, nós estávamos nessa situação de viver fora da aldeia, tentando sempre que possível voltar para visitar a minha avó. Estávamos vivendo fora, mas por termos nossa família sempre junto mantínhamos nossa língua viva. Durante esse período nós vivíamos migrando de um lugar para outro, conforme passava o tempo, surgiam trabalhos em outra localidade. Então, nós nos mudávamos novamente.

Apesar de não estarmos no contexto de nossa aldeia, eu e meus irmãos crescemos observando as práticas Guarani, preservadas por nossos pais. Cresci vendo meu pai fazer artesanatos, como balaio, bichinhos de madeira, arco e flecha, dos quais ele mesmo buscava matéria prima. Minha mãe também fazia balaio, colares e outros artesanatos. E nesse contexto me lembro também da prática diária do despertar com o Xarura. Nós acordávamos juntos com os primeiros raios do sol, e minha mãe sempre dizia:

“Levantem crianças que Nhamandu (sol) já está nascendo. Ele não gostaria de ver vocês dormindo até tarde da manhã, pois ele sempre vem cada dia com disposição para iluminar toda a face da terra para nós seres humanos e também para todos os seres vivos da terra. Se vocês estiverem dormindo ainda quando Nhamandu já estiver no alto ele vai achar que vocês estão mortos e vai ficar muito triste”. Tereza Ortega; Depoimento pessoal; 2010.

Então nós levantávamos e cumprimentávamos nossos pais com Xarura, mas de uma forma mais simples que é “Javyju, revy porã pa?”, que seria o mesmo que “Bom dia! Levantaram bem?”

A primeira aldeia que voltamos a morar foi a aldeia Canta Galo, no Rio Grande do Sul. Um dia fui com minha mãe e minha irmãzinha visitar minha avó materna, que fazia tempo que não a víamos. Ela vivia com meu avô na aldeia Gengibre dentro da Terra Indígena Guarita. Chegando lá, eu vi como minha vó e meu vô viviam. A imagem que eu guardei quando cheguei na casa da minha vó foi ver uma casa tradicional Guarani, que era coberta de taquaras, as paredes de madeira com acabamento de barro, com plantações variadas ao seu redor. Fiquei impressionado e feliz!

Estava acostumado em ver plantações só de soja, ou só de milho, e assim, me alegrou ver tanta diversidade junta. Eram plantações de mandioca, milho, milho tradicional, melancia, amendoim, melão, entre outras, e que diferente das fazendas que meus pais trabalharam, não eram para vender, mas para o próprio consumo dos que ali moravam.

Tínhamos ido apenas pra visitar minha vó e ficarmos alguns dias por lá. Durante esses dias que a gente ficou, fiquei vendo como era o cotidiano deles. Eles levantavam cedo, meu avô sempre que acordava cumprimentava a minha avó com Xarura, em seguida direcionava o Xarura pra todos que ali estavam. Depois de fazer isso ele seguia para a mata para ver se algum animal tinha sido capturado pelas armadilhas. Meus avós viviam da caça, raras vezes iam até um mercado comprar carne. Do mercado mesmo, só consumiam farinha de trigo, arroz, farinha de milho entre outros. Conforme constatado no livro Tape Mbaraete Anhetengua:

É difícil aprender corretamente o modo de saudação ou o cumprimentar. Nosso nhande reko é muito difícil. Por isso, hoje em dia não conseguimos alcançar a totalidade. O XARURA, o modo correto de nos cumprimentarmos, não é brincadeira. O jeito fácil de utilizar o XARURA hoje em dia simples é só “javyju” que significa somente “bom dia”, nhande ka’araju “boa tarde” e nhandepyuuju “boa noite”. (ASIE 2018, p.40)

Já estava chegando o dia de voltarmos pra casa, foi aí que eu falei pra minha mãe que eu ia ficar com a minha vó. Na hora ela ficou meio surpresa, porque eu nunca tinha saído de perto da minha família até os meus sete anos de vida. Aquela era a primeira vez que iria me separar dela. Mas no fim ela entendeu, e me deixou ficar com a minha vó. Nesse período que fiquei na casa dos meus avós aprendi muita coisa. Muita coisa sobre de como que se fazia armadilhas, no começo não sabia fazer um simples “mondepy”, uma armadilha pra pegar passarinho, mas logo aprendi a fazer com meu vô. Quando estava lá há mais ou menos um mês, um primo meu chegou também pra visitá-los. Fiquei muito feliz, pois fazia alguns anos que não o via.

Ficamos eu e ele na casa da minha vó, íamos quase todos os dias para a mata, fazer armadilhas pra pegar passarinhos. Pegávamos inambu, jeruxi, entre outras aves. Lembro que uma vez eu fiz uma outra armadilha diferente, se chama “nhuã’i”, uma armadilha com linha. Depois de um dia fomos olhar e quando estávamos chegando perto, ouvimos próximo à armadilha alguma coisa sacudindo, parecendo que queria sair de algum lugar. Ficamos meio assustados, e quando chegamos na armadilha, vimos um xy’y (quati) preso. Na hora ficamos meio assustados, sem saber de como iríamos tirá-lo da armadilha. Um

mandava o outro tirar. Então, ficamos um tempo ali pensando em como fazer. No final deu tudo certo, conseguimos pegar e levá-lo pra casa.

Chegando em casa, mostramos à minha avó. Ela ficou muito feliz, e cada dia que passava conseguíamos pegar passarinhos com a armadilha. Minha vó sempre nos dizia que era para pegarmos só o que iríamos consumir. Ela sempre dizia que a natureza tinha seu espírito e que todos os animais tem o seu guardião, que cuida deles, que ama eles. E, assim, temos que ter respeito sempre que formos para a floresta caçar. A vó sempre ensinava que se tu fores com respeito, os espíritos da natureza irão te respeitar.



Imagem 2: Opy, casa de reza em construção. **Fonte:** Arquivo pessoal, julho de 2017.

PARTE II – A PRÁTICA DO XARURA NA ALDEIA MYMBA ROKA

O interesse de valorizar a prática do Xarura nasceu na aldeia mesmo, a partir da preocupação do professor Whera Poty. Ele percebeu que as crianças, os jovens e até mesmo os adultos estavam deixando de cumprimentar os mais velhos. Nos demos conta também, que nas outras aldeias quase não se via ou se ouvia mais alguém fazer essa saudação. Tendo em vista essa preocupação, o professor Whera Poty, que dava aula na disciplina Artes Indígenas, começou a ensinar o Xarura aos alunos da escola. Ele ensinou como que é o cumprimento ao se levantar, que é o mesmo que deve ser feito ao encontrar os amigos na escola.

No início, essa prática passou a ser feita só na escola entre os alunos. Com o passar do tempo, vimos que os alunos já estavam praticando o Xarura espontaneamente, inclusive fora da escola. Então, o ano de 2016 foi o primeiro ano letivo com a prática do Xarura. Outras práticas culturais já vinham sendo feitas na escola como danças, cantos, narrativas de contos e histórias do nosso povo. Assim, a prática do Xarura, no começo do dia, era seguida por outras práticas culturais de nossos ancestrais.

No ano seguinte, o professor continuou com essa prática, mas ampliou para toda a comunidade, que se envolveu também, de modo que todas as pessoas voltaram a praticar o Xarura. Deste modo, as atividades incluindo o Xarura e o despertar foram elaboradas para serem inseridas no planejamento das aulas. Os pais dos alunos aprovaram o planejamento porque viram que estava sendo trazida de volta uma importante prática dos mais velhos.

Nesse período, chega à nossa aldeia a Ação Saberes Indígenas na Escola – ASIE, que estimula a educação tradicional nas escolas indígenas. Nessa ação, todas as escolas Guarani do litoral e interior participaram. Cada escola e aldeia escolhia um tema relacionado à cultura, decidindo como seriam feitas às atividades. Sem dúvida, escolheríamos um tema que já vinha sendo desenvolvido na escola e na aldeia. Pensamos em qual tema escolheríamos, foi então que decidimos que o tema seria “O despertar”.

É no despertar que começa o seu dia, desde como acorda até como se levanta. As mulheres guarani sempre incentivaram as crianças e os jovens a levantarem cedo. Os mais velhos sempre nos aconselham a não abandonar nossas práticas culturais. Em um momento do vídeo, aparece minha mãe aconselhando as pessoas da comunidade a

despertarem com Nhamandu, para mostrar nosso respeito e nosso amor ao próximo. Essa é uma maneira de valorizar nossa cultura.

PARTE III – PLANEJAMENTO DO PROJETO

A ideia de produzir um vídeo sobre a prática do Xarura, nasceu após uma oficina de audiovisual que tivemos na aldeia Mymba Roka, realizada pelo projeto “Indígena Digital”, executado pelo IELA², Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina, através de financiamento do Ministério das Comunicações nos anos de 2014 e 2015. A partir desse projeto, a comunidade aprendeu técnicas de registros e ganhou equipamentos de filmagem para estimular a produção de vídeos. Hoje temos vários jovens que manuseiam esses equipamentos, sempre fazendo registros na aldeia e fora dela, especialmente quando temos encontros e/ou manifestações.

² www.iela.ufsc.br/indigena-digital

PARTE IV - A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

Para esse projeto não foi construído, ou o mesmo não partiu especificamente de uma proposta de roteiro. Ele foi desenvolvido a partir das imagens que foram captadas na aldeia, porém, quando fiz essas imagens, já ia fazendo ou pensando em uma pré-edição, ou seja, como ela se encaixaria na hora compor o vídeo. Essa prática é muito comum para a linguagem documental, do mesmo modo que filmar editando, fez parte do processo de ensino do projeto Indígena Digital.

O dia filmado inclui atividades comuns para nós guarani. Uma delas é o mutirão para a limpeza da aldeia. Também filmei os trabalhos para a construção da nossa Opy, a Casa de Reza, que para nós é o lugar muito sagrado, e o lugar onde está a essência do nosso ser, o modo de ser Mbya, toda a nossa ancestralidade se transmite através da Opy'i. Quase em todas as aldeias Mbya Guarani tem a Opy'i.

Desse modo não se tem um roteiro escrito ou com a forma convencional de escrita roteirizada, o mesmo se deu na ilha de edição, ou seja, processo de montagem.

PARTE V – AS FILMAGENS

Para fazer os registros das imagens, utilizei o aparelho celular Galaxy S9, o qual conta com uma câmera de alta resolução. Essa prática de fazer audiovisual está cada vez mais em voga, uma vez que se enquadram em produções de baixo orçamento e vem ganhando espaços em festivais e entre quem produz. Também teve inspiração nas aulas de Apoio de Material de Apoio Audiovisual, a qual tinha como objetivo de propor diversas formas e práticas de produções e materiais visuais, sonoros e audiovisuais.

PARTE VI – PROCESSO DE EDIÇÃO

Inicialmente, a edição do vídeo iria ser feita no meu próprio computador, mas como houve um problema no equipamento, tive de fazer a edição no meu próprio celular. Como já tinha uma pré-seleção das imagens, joguei os vídeos no programa de edição e comecei a fazer os cortes, limpar os excessos dos que estavam muito longos, pois já sabia o que queria mostrar no vídeo.

Quando estava utilizando o notebook, estava usando o programa de edição *Wondershare filmora9*, mas como deu problema, tive que pedir ajuda ao meu colega da graduação Elizandro Karai Antunes. Então ele me indicou baixar o programa VEGAS PRO 15.0. Baixei, mas mesmo assim deu problema de novo, e tive que pensar em um “plano b”. Lembrei das aulas de Produção de Material de Apoio Audiovisual, que tivemos o apoio do Ítalo Rodrigues Mongconãnn Reis fazendo seu estágio docência para o mestrado. Foi de grande ajuda essas aulas porque ele ensinou várias formas de utilização do celular para filmar e editar.

Assim, resolvi ousar e fazer a edição do vídeo no meu próprio celular. Baixei o FilmoraGO que é o mesmo programa que tentei usar no notebook. Deste modo, comecei o trabalho de edição. No começo estava indo tudo bem, mas depois de alguns dias, o programa começou a falhar e o vídeo que estava sendo editado durante esse tempo se perdeu. Fui então atrás de outro editor de vídeo para celular, perguntei novamente pro Elizandro que me indicou o editor de vídeos YOUCUT PRO, e pela força de Nhanderú deu certo, e foi com esse editor que fiz a edição.

Os áudios que coloquei foram gravados no próprio celular em vídeo. Os cantos e a música os converti em áudios para usar como trilha sonora. A ideia de mostrar o Xarura, acompanhado da dinâmica de um dia na aldeia, foi acompanhada de registros das atividades para a construção da casa de reza. Considerei importante registrar desde a retirada da matéria prima até a construção final, registrando o trabalho das pessoas da comunidade. Achei visualmente importante focar em alguns elementos como a folha de Guaricana, usada na construção do telhado, bem como no barro preenchendo a parede, com a técnica de pau-a-pique. A música guarani “Tupã’i jepovera”, que acompanha boa parte do vídeo, tem significado importante relacionado à cultura guarani.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto foi desafiador ao longo de seu processo, mas o mesmo me mostrou o quão importante foi construir esse material, o qual será compartilhado com os parentes da aldeia. Também é importante para mostrar para os demais parentes, a importância e a riqueza do nosso ritual XARURA, que começa com o despertar e acaba com outra saudação no final do dia.

Certamente busquei da melhor forma possível mostrar a importância do modo de ser Mbya Guarani. Seja para nós mesmos, como para as crianças e jovens, que hoje estão crescendo com muita interferência dos não indígenas. Apesar de toda essa influência, temos que valorizar a nossa cultura e nosso modo de ser e viver nesse mundo, de guerra e frágil, no qual estamos inseridos.

Também aprendi a valorizar bem mais a minha cultura, que é tão rica e bela, pois ela tem a riqueza que dinheiro nenhum compra. De fato, não tem preço! E com esse trabalho, quero mostrar para nós mesmos que não podemos deixar de lado a nossa cultura, com as nossas práticas tradicionais, que desde muito anos atrás os antepassados praticavam.

Tive dificuldades no início, mas ao longo do processo, o filme foi ganhando forma, e hoje, me orgulho do material que consegui produzir. Claro! Com a ajuda de algumas pessoas que me auxiliaram e não me deixaram desanimar.

O mesmo não se encerra por aqui, sei que ele proporcionará diversas discussões, e tem muito que amadurecer, crescer e voar, assim, como um beija-flor!

REFERÊNCIAS

Orais:

Alicia Ortega

Tereza Ortega

Whera Poty

Livro:

ASIE, Ação Saberes Indígenas na Escola. TAPE MBARAETE ANHETENGUA. Fortalecendo o caminho verdadeiro. UFSC: 2018.

Sites:

<https://saberesindigenas.ufsc.br>

www.iela.ufsc.br/indigena-digital